

ASPECTOS DA CONDIÇÃO MIGRANTE EM O ENTEADO, DE JUAN JOSÉ SAER.

Geise Bernadelli Guerra ENDERS
Universidade de Brasília
geise@bernadelli.com.br

Resumo: O objetivo dessa pesquisa é estabelecer um paralelo entre a obra *O enteado*, de Juan José Saer e aspectos da condição migrante de indígenas andinos, analisados por Antonio Cornejo Polar. Apontamos características das migrações pelas quais passa em toda a sua vida o personagem de Saer e suas confluências com a situação do migrante indígena. O enteado é um velho narrador que, ao revisitar suas memórias fragmentadas desde a infância ao presente momento da escrita, escreve para cumprir seu dever de memória para com os índios antropófagos Colastiné. As mudanças de localidade pelas quais passou ao longo de sua vida – da Espanha ao Rio da Prata – e as questões existenciais (tais como orfandade, abandono, civilidade, origens e relacionamentos humanos) que essas migrações lhe suscitaram, advindas da observação da organização social e da linguagem estabelecida em cada lugar, culminam numa indagação que permeia todo o romance: quem é mais humano? O europeu civilizado ou os índios antropófagos? O enteado narra suas experiências de vida pelo relato sequenciado de suas migrações, com marcas temporais referentes a épocas e lugares, expõe sua admiração e dificuldade com a língua dos índios, marca, em registro escrito, os rastros da memória de fatos acabados daqueles que não são mais, mas já foram, daquela tribo antropófaga desconhecida e considerada deslocada da condição humana. Assim, o interesse do trabalho é o sentido da migração, a configuração desse papel e suas consequências.

Palavras-chave: Saer; migração; memórias; experiências; linguagem.

“Mas, às vezes, na noite silenciosa, a mão que escreve para, e no presente nítido e quase inacreditável fica difícil saber se essa vida realmente aconteceu, cheia de continentes, de mares, de planetas e de hordas humanas ou se foi, no instante que acaba de transcorrer, uma visão causada menos pela exaltação que pela sonolência.”

O enteado – Juan José Saer (p.179)

O presente artigo busca estabelecer um paralelo entre a obra *O enteado*, de Juan José Saer e aspectos da condição de migrante apontados por Antonio Cornejo Polar em sua coletânea de artigos *O Condor Voa - “Condição migrante e intertextualidade multicultural – o caso Arguedas”*. Partindo do sentimento de incredulidade e desassossego exposto na epígrafe, analisamos características das migrações pelas quais passa em toda a sua vida o próprio enteado e suas confluências com a situação do migrante indígena da obra *El zorro de arriba y el zorro de abajo*, de José Maria Arguedas.

Em seu artigo, Cornejo faz um exame do romance de Arguedas argumentando que o autor reposiciona a figura do índio e do mestiço andinos ao colocá-los em plena explosão demográfica do maior porto pesqueiro do mundo, Chimbote. Essa medida de mudança de território e de estilo de vida para os indígenas trata-se, segundo Cornejo, de uma transculturação, estando os índios agora na figura do migrante. O interesse é a configuração desse novo papel e o sentido da migração.

Para os índios andinos representados por Arguedas, juntamente com a migração de localidade física, ocorre a troca de um modo de vida culturalmente enraizado, de secular tradição de servidão, para outro completamente novo, com desafios como os perigos do mar e manejo de máquinas, num local de aglomeração de pessoas das mais variadas procedências e, sobretudo, falantes de outro idioma. O bilinguismo gera nesse ser severa ansiedade devido ao confuso hibridismo de lealdades e pragmatismos. O migrante, diferentemente do mestiço que tende a normalizar sua língua em função de uma tradução possível para outra, deixa que sua linguagem se derrame sobre a outra, abrindo um espaço vulnerável e descompassado. Para ele a tradução não contempla o sentido do que se pretende dizer, implicando sempre numa perda de sentidos. Retomaremos mais adiante a temática da linguagem.

O romance de Saer traz um velho narrador que, ao revisitar suas memórias fragmentadas desde a infância ao presente momento da escrita, escreve para cumprir o que ele custou a descobrir ser a razão de sua vida: narrar e dar testemunho da existência e do modo de vida dos índios antropófagos *Colastiné*, habitantes da região do Rio da Prata. “*Os índios, comigo, não se equivocaram; eu não tenho, exceto essa centelha confusa, nenhuma outra coisa para contar. Além disso, como lhes devo a vida, é justo que a pague voltando a reviver, todos os dias, a vida deles.*” (p. 165).

A migração que nos interessa refere-se às mudanças de localidade pelas quais passou ao longo de sua vida o enteado – da Espanha ao Rio da Prata – e as questões existenciais (tais como orfandade, abandono, civilidade, origens e relacionamentos humanos) que essas migrações suscitaram nele, advindas da observação da organização social estabelecida em cada lugar. As mudanças de modos de vida impactaram-no profundamente, seu trânsito por localidades físicas, conseqüentemente por organizações sociais, foram determinantes para a pessoa que ele se tornou, haja vista que, sendo órfão e tendo passado a infância abandonado nos portos, suas referências sociais e paternas foram surgindo e se formando ao longo de sua jornada.

Segundo Cornejo, o migrante marca suas experiências de forma bem definida, já que é um sujeito heterogêneo, de memórias fragmentadas, e, portanto, incapaz de fundir seus vários tempos e espaços, pelo contrário, ele define e delimita bem cada um desses tempos e espaços. Por conta de sua natureza descontínua, o migrante, além de estratificar suas experiências, analisa os valores e as imperfeições de cada uma delas num exercício comparativo. Nosso personagem-narrador, o enteado, realiza exatamente essa comparação de suas experiências para definir a questão que permeia todo o texto: quem é mais humano? O europeu civilizado ou os índios antropófagos?

O romance de Saer apresenta seis grandes migrações por que passou em sua vida o velho narrador. Seu lugar de origem foi um porto espanhol em que, órfão, fora abandonado à própria sorte, vivendo entre mendigos e prostitutas. A organização social ali era caótica, sem a concepção de valores, de dignidade ou referências morais já estabelecidas da civilização europeia: “*Menino de recado de putas e marinheiros, carregador, dormindo de quando em quando em casa de uns parentes, mas a maior parte do tempo sobre os sacos nos depósitos, fui deixando para trás, pouco a pouco, minha infância...*” (p. 12).

Sua primeira migração se deu quando conseguiu realizar o sonho de ser recrutado para uma viagem rumo às Índias e embarcou como grumete. A viagem se configurou mais próxima ao pesadelo, sobretudo devido aos constantes abusos sexuais que sofrera por parte

dos marinheiros. Entretanto, sua condição humana de busca incessante por sobrevivência, o manteve vivo na esperança de chegar a terras paradisíacas.

O capitão dessa embarcação era um homem que lhe suscitava grande curiosidade devido ao seu ar enigmático, pode-se dizer que fora a primeira figura de referência paterna que o personagem teve, não por laço afetivo que não se efetuiu, mas pela admiração e respeito que o enteado por ele nutria. Na tentativa de definir que essência constituía esse homem o enteado relata: “*Poderíamos dizer que havia dois capitães: o que transmitia, com precisão matemática, ordens que emanavam, sem dúvida, da Coroa, e o que olhava fixo um ponto invisível entre o mar e o céu, sem piscar, petrificado sobre a ponte.*” (p. 14).

Após longos meses perdida na imensidão do mar em busca das Índias, a embarcação atracou em terra firme na América do Sul, próximo à região do Rio da Prata, o personagem chegou então à sua segunda migração. Todos os seus companheiros de tripulação foram mortos pelos *Colastiné*, sendo o primeiro o capitão. Ele fora poupado e tratado com reverência pelos indígenas, chamado apenas de *Def-ghi* vivera ali com eles por dez anos, sendo testemunha de sua existência.

Aqui a linguagem configura-se uma barreira que o enteado não conseguiu transpor, mas compreendeu. Mesmo tendo passado uma década com a tribo não se habilitou como falante daquele idioma, mesmo porque sua situação de não integrante do grupo o manteve à margem do convívio social, fator primordial para a fluência em qualquer língua.

Não obstante a falta de conversação em sua língua materna e na dos índios também, a própria constituição do idioma dos *Colastiné* era de uma pobreza oral tal que uma palavra significava, ao mesmo tempo, muitas coisas díspares e contraditórias. *Def-ghi* era o nome dado às pessoas que estavam ausentes; às visitas indiscretas que se demoram; a um pássaro preto de plumagem amarela e verde que, domesticado, repetia alguns sons; a um objeto colocado no lugar de uma pessoa ausente para representa-la; ao reflexo das coisas na água; a quem se separava do grupo e se punha a gesticular imitando alguém; ao homem que ia à frente da expedição e retornava para relatar o que havia visto. Todos esses sentidos e tantos outros eram dados àquele termo, de modo que o *def-ghi*, fosse o que fosse, duplicava alguma coisa ou representava alguém.

Da árdua descoberta do significado do termo pelo qual era nomeado adveio sua compreensão desse idioma pobre em palavras e, ao mesmo tempo, complexo de significados com uma mesma “essência solidária”, como Saer assinala. A partir do conhecimento das várias coisas às quais poderiam chamar *Def-ghi* é que o enteado, aquele visitante que se demorou demais junto aos anfitriões, pode entender o que os índios esperavam dele ao poupá-lo da morte e ao mantê-lo como testemunha de sua cultura por tanto tempo. A princípio porque não sabiam ao certo a quem devolvê-lo, mas, sobretudo porque queriam que ele duplicasse sua imagem, os representasse em sua ausência, fosse um sobrevivente que se tornaria um narrador detalhista de seus costumes e testemunha de sua existência. “*Soltavamos para que fôssemos os mensageiros dessa imersão.*” (p. 163).

A terceira migração do enteado ocorreu quando ele fora enviado de volta ao leito do rio pelos *Colastiné*, depois de dias à deriva, uma embarcação o recolheu e ele se deu conta de que já não sabia mais falar sua língua materna, era visto como um animal pelos seus próprios pares e, com muita dificuldade para lembrar algumas palavras em espanhol, contou a eles o que lhe havia acontecido, mas sob a sintaxe característica do idioma dos índios.

Esse momento em que o enteado se vê sob o manto do esquecimento de sua língua materna e sem o domínio do idioma que presenciou por dez anos apresenta-se como uma intersecção de dois mundos e duas linguagens, onde a precariedade dos discursos fragmentados e contaminados reciprocamente reflete a confusão existencial que estava vivenciando. Aquela embarcação era um lugar de trânsito entre uma experiência passada e

outra que ainda viria. Utilizando um termo recorrente em *O enteado*, e presente também na análise de Cornejo, nesse lugar de trânsito o tempo é fundamentalmente **espesso**.

Nesse sentido de espessura, de densidade do tempo de intersecção, do tempo de trânsito, uma passagem do romance de Saer apresenta uma metáfora para a confusão existencial: “(...) *lembrança de um acontecimento verdadeiro ou imagem instantânea, sem passado ou futuro, forjada frescamente por um delírio agradável, esse menino que chora no mundo desconhecido assiste, sem saber, a seu próprio nascimento. Nunca se sabe quando se nasce: o parto é uma simples convenção.*” (p. 41). A metáfora é recorrente e empregada a cada vez que o personagem se vê compelido a mudar os rumos de sua vida, em que se encontra, portanto, iniciando uma nova migração.

O tempo dentro da embarcação que o resgatou foi curto, mas revelador, pois começara a sentir o impacto de sua consciência de não pertencer também ao seu grupo de origem, de seu desajuste e desassossego com relação ao habitat de que proveio. Naquele lugar de intersecção, mesmo fisicamente assim configurado, ele fora testemunha também da dizimação dos *Colastiné*, seus corpos sem vida o acompanharam inertes até o encontro do rio com o mar, até o cruzamento com o caminho que o levaria de volta à sua pátria, que nunca fora e jamais seria para ele um lar.

O capitão dessa nave deixou-o então em terra firme europeia, num convento, aos cuidados dos padres, mas sua história de sobrevivente ganhou fama e circulou a Espanha.

Em sua quarta migração, no convento, a sensação de inadequação se aprofundou. Seu período de imersão na tribo antropófaga era visto pelos padres como um período de experimentação de todos os pecados, sua presença era tida como a do próprio demônio e causava mais medo do que compaixão. A única motivação que lhe fizera ficar por lá cerca de sete anos foi a amizade cúmplice e os ensinamentos valiosos do Padre Quesada, sua segunda figura de referência paterna, esta sim constituída também por laços afetivos. Mais que lhe proporcionar uma identificação de pensamentos e condutas em meio ao ambiente turbulento e de ordem moral duvidosa do convento, padre Quesada lhe ensinara a ler e a escrever, conhecimentos que tornaram viável, na velhice, a escritura de sua narrativa testemunhal.

Além disso, Quesada fora a única pessoa que conseguira alcançar a dimensão do que a experiência com os *Colastiné* representou para o enteado. Quando relata sua morte, o velho narrador demonstra, além do sentimento que nutria pelo padre, a contribuição que o mesmo oferecera para sua estruturação existencial: “*Pai é, para mim, o nome exato que poderia lhe aplicar – para mim, que venho do nada, e que, por nascimentos sucessivos, estou voltando, pouco a pouco, e sem temores, ao lugar de origem.*” (p. 127).

A morte do pai querido empurrou o personagem para sua quinta migração, saiu do convento triste e novamente órfão. Errante como um mendigo, voltou a viver nas ruas e tabernas. Numa noite conheceu o diretor de uma trupe de teatro da qual passou a integrar quando contou sua história, já famosa, e foi visto pelo diretor como uma oportunidade de bons negócios. De fato o foi, o próprio sobrevivente encenando sua história tão afamada, logo se tornou um espetáculo grandioso e solicitado em vários lugares.

Na mesma medida da crescente grandiosidade do espetáculo, a pequenez da condição humana de seu público ia se reafirmando. O sentimento de inadequação e inquietação do então ator ao modo de vida e às pessoas que, fundamentalmente, eram seus semelhantes, crescia a cada encenação, a cada absurdo surpreendentemente aplaudido.

Fica mais claro compreender a sensação do enteado a partir de uma definição de Arguedas para denominar a si próprio, a de ser ele um permanente forasteiro, sendo o “forasteirismo” “*essa desassossegada experiência de ser homem de vários mundos, mas afinal de nenhum, e de existir sempre – desconcertado – em terra alheia.*” (POLAR, 2000, p. 129).

A sexta e última migração do nosso personagem-narrador ocorre então quando ele decide largar a trupe, levando consigo os filhos órfãos de uma atriz que fora assassinada. Havia acumulado fortuna com o teatro e adquiriu uma casa branca ao sul da península, montou nela uma tipografia e ensinou aos seus filhos o ofício.

Quando da escrita de suas memórias o enteado é um velho, rodeado de filhos, netos e bisnetos, que possui poucas certezas, das quais a mais imperiosa é o seu dever de memória¹ para com os índios *Colastiné*; sendo o relato da sua própria história de vida, da comparação entre o que vivenciou com eles e suas experiências com diversos grupos de homens civilizados, uma reflexão e consequente constatação de que havia mais humanidade naqueles índios antropófagos de linguagem pobre e hábitos rudimentares do que em seus pares civilizados: “*Eu, silencioso, pensei essa noite, recordo-me bem agora, que para mim não havia mais homens sobre esta terra que esses índios e que, desde o dia em que me haviam mandado de volta eu não encontrara, exceto o padre Quesada, outra coisa que seres estranhos e problemáticos aos quais somente por costume e convenção a palavra homens podia ser aplicada.*” (p. 124).

As análises aqui realizadas das migrações pelas quais passou o enteado respaldam a importância da ideia de marcação de experiências e seus desdobramentos para o migrante de que trata Arguedas. Encontramos frequentemente na obra de Saer marcas temporais referentes a épocas e espaços obtidas, também e não somente, por meio de menções à idade do personagem (“*Agora que sou um velho, que já se passaram tantos anos desde aquela manhã luminosa...*” p.29) e marcas narrativas decorrentes da enunciação de sequência de acontecimentos (“*Após o tempo de navegação ao longo da costa, adentramos num mar de águas doces e marrons.*” p. 25). Juntas, estas duas marcas, tempo cronológico e sequência de acontecimentos, constituem o caráter temporal da experiência humana, chaves para o entendimento da função narrativa, segundo o filósofo Paul Ricoeur (2010).

Para Ricoeur o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado em narrativa, e a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal. Ao narrar suas próprias experiências de vida, com marcas temporais referentes a épocas e lugares e pelo relato sequenciado de suas migrações, o enteado cumpriu com seu dever de memória ao expor, em registro escrito, os rastros da memória de fatos acabados daqueles que não são mais, mas já foram, os *Colastiné*.

A experiência ao longo daqueles dez anos modificou sua vida não apenas no que tange às fronteiras físicas do espaço que habitou, mas, e principalmente, no que é intangível, na crença em si próprio e na humanidade, na estruturação de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto ser social.

O enteado jamais se considerou pertencente a um grupo social depois dos *Colastiné*, pois o que era antes, um órfão jogado nos portos, já não existia; na vida com os índios ele fora apenas um enteado, também era passado e eles haviam sido dizimados; seus ditos pares já não o reconheciam e nem ele os considerava como semelhantes, não reconhecia neles sequer um caráter humano: “*Aprendi, graças a esses envoltórios vazios que pretendiam se chamar homens, o riso amargo e um pouco superior de quem possui, em relação com os manipuladores de generalidades, a vantagem da experiência.*” (p. 131).

Pois que esse escrevente narra não a história daquela tribo antropófaga desconhecida e considerada deslocada da condição humana, mas sim, e volto a repetir, narra suas próprias experiências fragmentadas, de sujeito desagregado, difuso e heterogêneo: o sujeito migrante, como coloca Cornejo.

¹ Dever de memória é um termo muito explorado pelo filósofo Paul Ricoeur em sua obra *A memória, a história, o esquecimento* (2000). Refere-se, basicamente, à tarefa de não se esquecer duma experiência vivida a fim de guardar os rastros materiais, escritos ou outros, dos fatos acabados e, também, a memória dos que não são mais, mas já foram.

Referências bibliográficas

POLAR, Antonio Cornejo. **O condor voa**. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SAER, Juan José. **O enteado**. São Paulo: Iluminuras, 2002.